

Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil

Oracle power and digital communication ecosystems: the production of zones of ignorance during the Covid-19 pandemic in Brazil

Leonardo Fernandes Nascimento^[*]
leofn3@gmail.com

Paulo de Freitas Castro Fonseca^[*]
dopaulo@gmail.com

Juciane Pereira de Jesus^[*]
juciane_pereira1997@outlook.com

Jéfte Batista de Oliveira^[*]
jeftibatista10@gmail.com

RESUMO

O Brasil tem se consolidado como um exemplo negativo para a gestão da crise sanitária na pandemia. Apesar disso, levantamentos recentes indicam que uma parte significativa da população mantém intacto seu apoio e confiança no governo federal e em sua estratégia de gestão da Covid-19. A fim de contribuir para a compreensão sobre como se caracterizam a epistemologia e a arquitetura comunicacional digital do bolsonarismo, este trabalho analisa, a partir do referencial teórico dos estudos sociais da ignorância, os debates sobre a pandemia de Covid-19 em um grupo de apoiadores do presidente Bolsonaro no Telegram. A partir de 188.198 mensagens de texto compartilhadas no período de janeiro a dezembro de 2020, foram filtradas e analisadas as comunicações

ABSTRACT

Brazil is today a negative example for pandemic health crisis management. Despite this, recent surveys indicate that a significant part of the population keeps intact its support and trust in the federal government and its Covid-19 management strategy. In order to contribute to the understanding of how the epistemology and the digital communicational architecture of Bolsonaroism are characterized, this paper analyzes, from the theoretical framework of the social studies of ignorance, the debates about the Covid-19 pandemic in a group of supporters of President Bolsonaro on Telegram. From 188,198 text messages shared in the period from January to December 2020, we filtered and analyzed the communications related to three controversial

^[*] ICTI e LABHD - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Rua Barão de Jeremoabo, PAF V, s/nº, Sala 305A – Ondina, Salvador/BA.

relacionadas com três posicionamentos controversos do governo federal: a oposição às medidas de distanciamento social, a defesa do uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce para a Covid-19 e, por fim, a negligência e/ou descrédito em relação à vacinação. Argumentamos ser possível compreender a atuação do presidente Bolsonaro como um exercício de poder oracular de um líder populista digital. Isto seria possibilitado pela arquitetura das comunicações em redes digitais bolsonaristas, que se configuram como um ecossistema midiático multiplataforma baseado na sensação de uma conexão direta entre líder e povo. Além disso, a análise aponta que, ao contrário de negar a credibilidade e legitimidade da ciência, o bolsonarismo opera demarcações de fronteiras de ignorância por dentro da própria ciência.

Palavras-chave: Covid-19; ignorância; bolsonarismo.

Introdução

Em janeiro de 2021, após um ano de pandemia global, o Brasil foi classificado na última posição entre os 98 países considerados em um estudo comparativo das performances governamentais de combate à Covid-19 (Lowy Institute, 2021). A colocação no índice - calculado a partir de números absolutos e proporcionais de testes, casos e mortes por Covid-19 - não surpreende ao acompanharmos a evolução da pandemia no país e no mundo. Diversas são as evidências de ações e estratégias políticas do governo federal - como a aposta em tratamentos sem respaldo científico, a oposição à medidas para o distanciamento social e o descaso com as políticas de vacinação - que se mostraram, não apenas ineficazes no combate ao vírus, mas que até mesmo contribuíram para ampliar a sua disseminação e letalidade (Asano *et al.*, 2021).

No entanto, nem mesmo a materialidade das mortes aos milhares pareceu abalar a confiança de parte significativa da população brasileira no governo do presidente Jair Bolsonaro e em sua estratégia de combate - ou disseminação - do coronavírus no país. Pesquisas, de forma recorrente, confirmam a estabilização de uma base popular de apoio irrestrito ao governo responsável por aquela que é considerada a pior resposta do mundo à pandemia (Gielow, 2021). Deste modo, são cada vez mais necessários estudos analíticos que compreendam a construção social de percepções, julgamentos, discursos e debates de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, atentando especialmente para a relação que é estabelecida com o conhecimento científico.

Neste sentido, as redes sociais digitais têm sido apontadas como co-responsáveis não apenas pela ascensão e consolidação do bolsonarismo, mas também pela sua

positions of the federal government : the opposition to social distancing measures, the defense of the use of hydroxychloroquine as early treatment for Covid-19 and, finally, the negligence and/or disbelief regarding vaccination. We argue that it is possible to understand President Bolsonaro's performance as an exercise of the oracular power of a digital populist leader. This would be made possible by the architecture of Bolsonaro's digital network communications, which are configured as a multiplatform media ecosystem based on the sense of a direct connection between leader and people. Furthermore, the analysis points out that, rather than denying the credibility and legitimacy of science, Bolsonarism operates demarcations of boundaries of ignorance within science itself.

Keywords: Covid-19; ignorance; bolsonarism.

surpreendente coesão diante da trágica resposta governamental à pandemia. No entanto, não basta apontar uma suposta causalidade à capilaridade das redes sociais, é preciso compreender como, de fato, tais redes atuam como plataformas para a construção de percepções sociais que viabilizam o apoio a políticas públicas que objetivamente se mostram danosas à população.

A fim de contribuir para esta compreensão, o objetivo do presente artigo é analisar, a partir do referencial teórico dos estudos sociais da ignorância (Gross e Mcgoey, 2015; Proctor e Schiebinger, 2008), como se produzem e consolidam posicionamentos político-científicos em um grupo de seguidores do presidente Bolsonaro no aplicativo de mensagens Telegram. Partindo de uma caracterização geral de 299.235 mensagens postadas de janeiro a dezembro de 2020, filtramos e analisamos 3114 mensagens de texto, com base em palavras-chave relacionadas a três grandes temas que mobilizaram a atuação do governo federal durante a pandemia de Covid-19: a) o posicionamento contrário às medidas de isolamento; b) a defesa do uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce para Covid-19 e; por fim, c) a negligência e/ou descrédito em relação à vacinação.

A seguir, discutimos como algumas conceitualizações referentes aos estudos sobre ignorância seriam heurísticamente apropriadas para o estudo dos processos de legitimação das estratégias do governo para a Covid-19. Na seção seguinte, esboçamos como o engajamento político nas plataformas de mensagens tem se mantido ativo e estratégico para o governo federal e como o Telegram tem emergido como uma plataforma importante em sua estratégia comunicacional. Na terceira seção, é traçado o desenho metodológico da pesquisa e uma breve descrição dos dados analisados. As três últimas seções apresentam algumas das conclusões a partir da análise dos três temas

estudados. São apresentadas as características dos fluxos comunicacionais do bolsonarismo, bem como as concepções que subsidiam a exclusão - para fora das fronteiras de legitimidade - dos consensos científicos globais acerca da prevenção e tratamento da Covid-19. O artigo conclui delineando o papel que disputas epistêmicas baseadas na ignorância têm para a instauração e o fortalecimento de um populismo que instaura novas realidades.

As fronteiras da ignorância

Dentre a incipiente literatura sobre a ascensão do bolsonarismo nas redes digitais brasileiras (Cesarino, 2019a, 2019b, 2020; Evangelista; Bruno, 2019; Machado e Konopacki, 2019; Recuero. *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2019;), é interessante notar como uma dimensão das estratégias discursivas de convencimento político pode ser recorrentemente encontrada: a demarcação do que deve ser considerado como conhecimento válido e, por outro lado, do que deve ser considerado como conhecimento inválido e que, portanto, deve ser ignorado. Uma das disputas primordiais do bolsonarismo parece ser, no campo epistêmico, pela produção e controle de fronteiras que delimitam espaços de exclusão de conhecimento disponível, *i.e.* pela definição de zonas de ignorância.

Este trabalho vai buscar na perspectiva agnotológica (Proctor e Schiebinger, 2008) subsídios para a compreensão dos mecanismos que desempenham um papel positivo na construção social de narrativas e visões de mundo do bolsonarismo. Além disso, nos interessa investigar os processos de apagamento, desprezo ou desconhecimento de informações que não corroboram aquelas narrativas ou visões de mundo.

O estudo sobre a construção e o papel social da ignorância vem ganhando destaque, especialmente a partir dos impactos sociopolíticos do que se convencionou chamar como o fenômeno da pós-verdade (Rose e Barros; 2017; Hess, 2020). Bastante visível no contexto dos ecossistemas midiáticos de extrema direita - onde viabiliza a estabilização de regimes alternativos de “objetividade” (Kelkar, 2019) - a ignorância vem sendo historicamente produzida e controlada estrategicamente por atores governamentais e privados (Gross & McGoe, 2015).

A ignorância estratégica, segundo McGoe, é aquela que atua tanto para manter quanto para perturbar as ordens sociais e políticas, “permitindo que tanto os governos quanto os governados neguem a consciência de coisas que não são do seu interesse reconhecer” (McGoe, 2012, p.4). Ao contrário das perspectivas que tendem a desvalorizar a

ignorância como um substantivo estático associado a algum tipo de ausência ou déficit de conhecimento - uma espécie de vácuo epistêmico ou simplesmente não-conhecimento - a agnotologia está interessada na coprodução (Jasanoff, 2004) das fronteiras epistêmicas entre o conhecido (o que deve existir) e o desconhecido (o que deve ser ignorado).

Ao ressaltar como ignorância e poder estão intimamente associados, Linsey McGoe sugere a noção de poder oracular, isto é, “a capacidade de formar um consenso social sobre onde se encontra a fronteira entre ignorância e conhecimento” (McGoe 2019, p.61). Com isso, estende-se para o campo político aquilo que os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia apontam como um “trabalho de fronteira”: estratégias de demarcação entre o que deve ser considerado científico (e portanto, relevante) e o que deve ser deixado de fora (pseudociência, metafísica ou simplesmente charlatanismo) (Gieryn, 1983).

Nas seções seguintes, nós vamos argumentar que as recorrentes atitudes, por parte do presidente Jair Bolsonaro, de desconsideração das recomendações científicas sobre a Covid-19, poderiam ser melhor compreendidas como um exercício de poder oracular do que vem sendo denominado de “líder populista digital” (Cesarino 2020a). Trata-se de um processo de demarcação de fronteiras de ignorância que se fundamenta em um populismo fortemente apoiado pelas novas arquiteturas de comunicação digital. Assim como os oráculos gregos eram reconhecidos como canais de ligação com os deuses - e, portanto, capazes de definir o que deveria e o que não deveria ser considerado como real - os populistas digitais disporiam, através das redes sociais, de uma ligação direta com o povo, proporcionando uma aparente sensação de “ausência de mediação”.

Consequentemente, o populista digital não necessita nem mesmo ele próprio falar sobre um determinado assunto, bastaria “postar” a fala de um de seus seguidores nas redes sociais - ou produzir condições controladas para filmagem e posterior compartilhamento - para que a mensagem seja, não do líder, mas do próprio “povo” que estaria falando através dele. Por outro lado, essa mesma arquitetura digital contribui para o fortalecimento de um ecossistema midiático que se fecha como uma eficaz câmara de eco para a reverberação da verdade oracular (Jamieson e Capella, 2010; Kelkar, 2019). Neste ambiente, proliferam as delimitações do oráculo populista sobre as fronteiras entre o que deve ser considerado “conhecimento verdadeiro” e o que deve ser considerado como “conhecimento ilegítimo” e que, por conseguinte, deve ser ignorado.

Assim, identificamos e caracterizamos neste trabalho como um líder populista digital, em articulação

com um ecossistema midiático multiplataforma, atua estrategicamente para a institucionalização de uma ignorância que neutraliza qualquer informação que possa se apresentar como um “conhecimento desconfortável”, ou seja, qualquer conhecimento que ameace a estabilidade ou que coloque em xeque a legitimidade de seu poder de ação (Rayner, 2012). Para isso, nós trazemos aqui um escrutínio específico sobre as práticas de construção destas fronteiras epistêmicas, ou das zonas de ignorância, no âmbito da pandemia de COVID-19.

Quais estratégias para estruturas discursivas e comunicacionais foram utilizadas para legitimar as ações do governo em relação à atual crise sanitária entre os seus apoiadores? Em outras palavras, a partir de que mecanismos o bolsonarismo opera a construção e manutenção de zonas de ignorância em relação a aspectos científicos acerca da pandemia de Covid-19? Especificamente, como a oposição aos consensos científicos sobre isolamento social, uso da cloroquina e da vacina emergiu e se consolidou nos discursos dos grupos bolsonaristas? Estas são algumas das problemáticas que abordaremos a seguir.

O Telegram como plataforma bolsonarista

A eleição de Jair Bolsonaro pode ser apontada como parte do fenômeno global de ascensão do populismo de extrema direita que ao longo da década de 2010 solidificou sua permeabilidade nos novos tecidos sociodigitais, que tem em Donald Trump sua personificação primordial (Gerbaudo, 2018). Tal como Trump, Bolsonaro elegeram-se com os mais eficazes mecanismos de engajamento nas plataformas digitais. No entanto, no Brasil, os aplicativos de mensagem instantânea, sobretudo o WhatsApp e seus grupos de discussão foram “pontos de passagem obrigatória” (Latour, 2011) nas redes de comunicação eleitoral.

Após dois anos de governo, é possível apontar que, não apenas o bolsonarismo tem mantido a mobilização ativa nestas plataformas, mas o engajamento destas com as ações do próprio presidente são parte estrutural das estratégias

de defesa ou legitimação de ações do governo federal (Recuero *et al.*, 2021; Soares *et al.*, 2021). A equipe que assessorou o candidato Bolsonaro na produção de conteúdo para plataformas digitais durante as eleições ocupa agora uma secretaria especial da presidência que ficou conhecida como “gabinete do ódio”: um centro de produção de conteúdos digitais contendo fake-news e de discursos de ódio contra adversários políticos (Rosa e Monteiro, 2019). Sendo assim, a estrutura bolsonarista de disseminação de desinformação em plataformas digitais não apenas permanece ativa, mas está intimamente conectada à estratégia de comunicação da presidência da república.

Em 2020, a Facebook Inc. anunciou o cancelamento de perfis e contas nas plataformas Facebook e Instagram que formavam uma rede de propagação de informações falsas, incluindo algumas criadas e controladas por funcionários desta secretaria especial da presidência da república (Lindner e Turtelli, 2020). Em janeiro de 2021, o Twitter anunciou a suspensão permanente da conta do então presidente Donald Trump por divulgar informações falsas acerca da pandemia. Deste modo, as plataformas digitais têm sistematicamente restringido ou cancelado as contas que propagam ódio e/ou desinformação. Isto tem acarretado um progressivo processo de migração de líderes e apoiadores para ambientes mais reservados - e supostamente mais permissivos - em um movimento denominado de desplataformização^[1] (Rogers, 2020). Apesar de não dispor da ubiquidade e, especialmente, da capilaridade de seu concorrente WhatsApp^[2], o Telegram tem apresentado um crescimento contínuo de número de usuários e tem se mostrado um canal crescente de formação de grupos de discussão de extrema-direita (Urman e Katz, 2020).

No Telegram é possível ocultar o número de telefone associado à conta e o limite de usuários por grupo de discussão é de 200 mil pessoas, enquanto no WhatsApp este é de no máximo 256 pessoas, todas com os números de telefone visíveis para os participantes dos grupos. Além dos grupos, o Telegram possui canais de transmissão unidirecional de conteúdo, cujo número de inscritos é ilimitado e que permitem interações através de comentários, como uma página de Facebook. Tais funcionalidades - ao

[1] Para os desplataformizados, a reputação do Telegram pode ser atraente. Ele oferece “discurso protegido” por ser permissivo a conteúdos extremistas. Ele também mantém o conteúdo atualizado e disponível, dissipando assim as ameaças de exclusão, uma preocupação fundamental para aqueles que ficaram desplataformizados e viram seu conteúdo removido. O Telegram também oferece meios para conquistar seguidores e transmitir para um grande número de usuários (como no YouTube e no Twitter) (Rogers, 2020, p.217).

[2] No Brasil, os dados utilizados pelos WhatsApp e Facebook não entram na franquia disponibilizada para os usuários pelas operadoras. No fechamento do artigo soubemos que o Telegram e o app ifood passaram a ter a mesma franquia em algumas operadoras de telefonia móvel no Brasil.

mesmo tempo de anonimato e alcance - são atraentes para as estratégias de propaganda política, além do fato do conteúdo postado poder migrar para o WhatsApp.

No Brasil, existem grupos de apoio a Jair Bolsonaro no Telegram desde ao menos a disputa eleitoral de 2018. Esses grupos possuem uma atividade constante de mensagens de texto e voz, memes e vídeos sobre diversos temas. O próprio presidente criou, no dia 09 de janeiro de 2021, um canal que, em um mês, já contava com mais 400 mil inscritos^[3]. Praticamente, todos os políticos e apoiadores do atual presidente possuem grupos e/ou canais no Telegram. Nos primeiros meses de 2021, vem ocorrendo um crescimento vertiginoso de usuários nos diversos grupos/canais^[4] indicando a possibilidade do Telegram se tornar um dos protagonistas dentro do ecossistema de comunicação dos grupos políticos de extrema direita no Brasil.

Investigações sobre o tipo, a amplitude e os padrões comunicacionais das informações e interpretações disseminadas na plataforma Telegram são de fundamental relevância para a compreensão dos fundamentos epistêmicos do bolsonarismo e de como são legitimadas suas controversas ações e estratégias governamentais.

Desenho metodológico da pesquisa e descrição dos dados

As mensagens analisadas pertencem a um dos mais antigos grupos de apoiadores do presidente no Telegram. Ele foi criado em agosto de 2018, visando agregar apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro no período das eleições. A atividade diária de produção de conteúdo e os frequentes debates sobre acontecimentos da vida política brasileira – associado ao longo prazo e continuidade do mesmo – foram os motivos que nos levaram a escolhê-lo em detrimento de outros grupos e/ou canais. O grupo já chegou a ter mais de 15.000 participantes. Em 31 de março de 2021 o grupo possuía 12.664 membros. Por questões éticas e de segurança pessoal dos autores, nós optamos por não indicar o nome exato nem o link de acesso para o mesmo.

O usuário do Telegram utilizado para a extração dos dados assumiu a posição de “lurker” (HINE, 2000, 2005), ou seja, não foi realizado nenhum tipo de interação e/ou produção de conteúdo no grupo. Esta atitude se justifica

pelo fato de que: a) o grupo é público e acessível a todos; b) nós asseguramos, como dissemos, o total anonimato do grupo e dos membros inscritos, bem como a impossibilidade de detecção de suas reais identidades; e por fim, c) a revelação da identidade dos pesquisadores inviabilizaria a própria pesquisa e poderia colocá-los em risco. Este tipo de procedimento já ocorreu em investigações anteriores, por exemplo em mercados ilícitos online e com comunidades estigmatizadas (Barratt e Maddox, 2016)

Operacionalmente, o ponto de partida foi a ferramenta de exportação de postagens de grupos ou canais do próprio Telegram em formato HTML^[5]. A partir da exportação, utilizou-se um script na linguagem R para construir uma base de dados com todo o histórico e estrutura das mensagens de texto de 25/01/2020 às 08:20:51 - data e hora da primeira menção à pandemia - a 31/12/2020 às 23:59:59. Isto resultou em 299.235 mensagens, sendo 188.198 mensagens de texto e 110.937 mensagens em outros formatos (vídeos, mensagens de voz, imagens ou *stickers*). O gráfico 1 abaixo mostra a série temporal do total de mensagens publicadas no grupo ao longo deste período.

Uma característica importante dos dados extraídos é a grande presença de mensagens de áudio, vídeo e imagem. A análise deste material certamente enriqueceria o artigo, entretanto, por limitação dos recursos humanos e computacionais disponíveis, optamos por direcionar a análise ao conteúdo textual, que permite um escrutínio aprofundado sobre os discursos compartilhados, pavimentando o percurso para uma posterior análise que inclua também imagens e sons. As mensagens de texto foram examinadas por métodos mistos (Tashakkoriashakkori & Teddlie, 1998), combinando a linguagem R para o processamento dos dados quantitativos com o ATLAS.ti 7 para análises qualitativas. Antes de apresentarmos os procedimentos adotados para a análise qualitativa, restrita a uma amostra filtrada por palavras-chave, trazemos a seguir algumas caracterizações identificadas para o total de mensagens textuais que foram enviadas.

Usuários e padrões de interação

Os gráficos 2 e 3 abaixo apresentam o comportamento dos 20 usuários mais ativos no grupo. Utilizamos

[3] <http://t.me/jairbolsonarobrasil>. No momento de conclusão deste artigo, este canal conta com mais 850 mil seguidores.

[4] “Telegram, o novo refúgio da extrema direita” em <https://nucleo.jor.br/especiais/2021-02-18-telegram-extrema-direita>, acessado em 11 abril 2021.

[5] <https://telegram.org/blog/export-and-more>

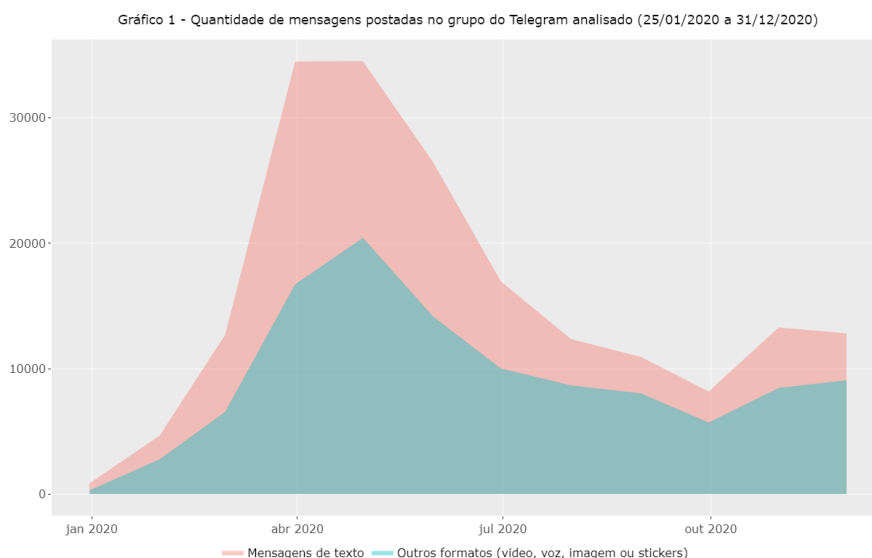


Gráfico 1

uma função hash criptográfica através do pacote *digest* da linguagem R^[6] para tornar anônimos os nomes dos usuários no grupo e desconsideramos as mensagens enviadas por perfis excluídos da plataforma Telegram^[7].

É possível identificar um alto grau de concentração das postagens em usuários específicos, isto é, a existência de participantes que “animam” o grupo através de uma grande produção de mensagens. Aproximadamente 28,5% do total de mensagens foram postadas por estes 20 usuários. Dentre estes, destaca-se o usuário denominado “88a7a88a46b3c51e8c6d002b36f32a62” que enviou 7373 (textos e outros formatos) ao longo do período, isto é, aproximadamente 2,5% de todas as mensagens compartilhadas no grupo. Ele atua no sentido de moderação - comentando e/ou censurando as postagens de outros usuários - mas principalmente na postagem de conteúdos sob a forma de links, vídeos, memes, etc.

Por outro lado, é possível notar como este mesmo usuário faz parte de um padrão de atuação bem distribuído ao longo de todo o ano. Ainda que a maior intensidade de publicações tenha sido no mês de abril, ele se encaixa no padrão de um engajamento permanente com o grupo. Outros usuários têm a sua atuação mais concentrada em determinados períodos, o que pode indicar um engajamento mais espontâneo. Estudos posteriores, centrados

no comportamento dos participantes, poderão servir para analisar uma possível ação de mecanismos automatizados de dispersão da informação por meio da ação de bots, mas de toda forma, é possível apontar que alguns poucos usuários têm protagonismo no direcionamento dos debates ocorridos, o que pode se relacionar com algum tipo de militância profissionalizada, seja automatizada ou não.

Filtragem

A fim de viabilizar uma análise qualitativa aprofundada diante da quantidade de dados textuais e, ao mesmo tempo, obter informações específicas sobre os processos de construção de zonas de ignorância, dirigimos nosso enfoque para três aspectos da estratégia governamental para a gestão da pandemia e que caracterizaram o debate público brasileiro ao longo de 2020. A primeira delas se relaciona com a forte reação contra as medidas de isolamento ou distanciamento social, especialmente no começo da pandemia; a segunda é o debate em torno da defesa do uso da hidroxicloroquina (em combinação com outras drogas) como tratamento precoce para a Covid-19; e, por fim, nós temos as disputas em torno da vacinação.

Para isso, nós filtramos a base de dados textuais

[6] Disponível em <https://cran.r-project.org/web/packages/digest/index.html> (acessado em 01 abr 2021)

[7] Quando um usuário deleta o seu próprio perfil do Telegram, as mensagens enviadas continuam aparecendo nos grupos e canais.

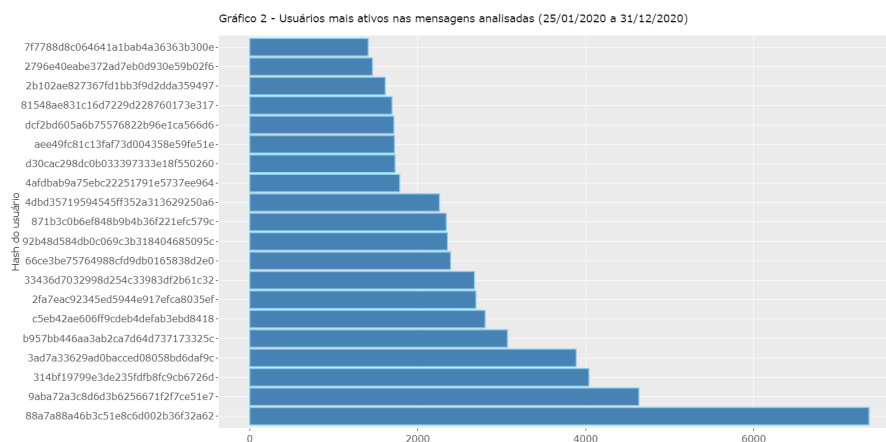


Gráfico 2

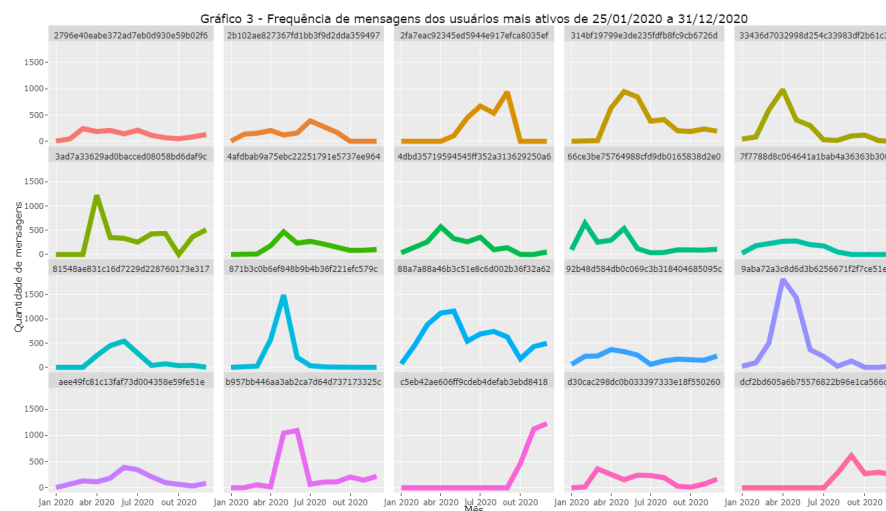


Gráfico 3

a partir de buscas por palavras-chave e chegamos a três sub-bases de dados, que foram analisadas separadamente: a) 707 mensagens sobre isolamento social (selecionadas a partir da ocorrência dos termos “isolamento; distanciamento; lockdown; quarentena); b) 1114 mensagens sobre cloroquina (selecionadas a partir da ocorrência dos termos cloroquina, hidroxiclороquina, “quina” e “tratamento precoce”); e por fim, c) 1292 sobre vacinas (selecionados a partir dos termos vacina, imuniza, “vachina”). Deste modo, a leitura e a codificação mais detalhadas incidiram em 3114 mensagens referentes a estes três grupos.

Desta forma, ainda que esta seleção tenha sido feita a partir do cruzamento com o conhecimento etnográfico dos pesquisadores, o filtro realizado, por meio

de palavras-chave certamente constitui um direcionamento dos dados analisados e pode ser considerado uma limitação do presente trabalho. A discussão específica sobre o uso de máscaras, por exemplo, acaba aparecendo apenas marginalmente nos debates, o que não nos permite afirmar que o tema não tenha sido âncora para também um amplo engajamento de seus usuários.

O gráfico 5 abaixo expõe a evolução temporal das mensagens analisadas, indicando que o debate sobre o isolamento se inicia nas primeiras semanas da pandemia e é sobreposto, a partir de abril e maio, pelas discussões sobre cloroquina. Já as menções à vacina são tímidas até outubro de 2020.

A construção da estrutura de códigos

A estrutura de codificação foi elaborada a partir das orientações da *grounded theory* (Strauss e Corbin, 1998; Charmaz, 2009). Amostras aleatórias das três sub bases de dados foram distribuídas entre os autores, que inicialmente liam e discutiam as mesmas mensagens de cada uma das bases com o objetivo de detectar similaridades, diferenças, frequências, sequências, correspondências e causalidades (Hatch, 2010, p. 155). Em seguida, criou-se uma codificação inicial que foi progressivamente revisada. Após algumas rodadas de leituras de mensagens, percebeu-se que a estrutura de codificação conseguia classificar grande parte das novas mensagens. Com isso, os rótulos dos códigos foram ajustados/padronizados e operacionalmente definidos (vide imagens 1 abaixo e o anexo 1 com as definições operacionais dos códigos).

As três bases de dados foram importadas para três diferentes unidades hermenêuticas no software ATLAS.ti juntamente com a estrutura de códigos e iniciou-se o processo de codificação. Cada base foi codificada individualmente por um dos autores e, para garantir a confiabilidade da codificação, as possíveis dúvidas sobre possíveis revisões eram trazidas e debatidas entre todos os autores.

Discussão e resultados

Um ecossistema digital de comunicação

Em relação à análise quantitativa da base completa de mensagens textuais, uma constatação relevante é que mais de um terço da base total mensagens textuais – 34,1% das 188.198 – continham *links* para endereços externos ao Telegram, especialmente para vídeos Youtube (45.033), páginas do Facebook (5.461), perfis do Twitter (8.856) e diversos sites noticiosos que defendiam o presidente Jair Bolsonaro (4871). A relativamente alta proporção de *links* (vide gráfico 6 abaixo) indica que o grupo analisado funciona não apenas como um fórum de discussão, mas fundamentalmente como um potente canal de divulgação e propagação de conteúdo vinculado a um amplo ecossistema midiático digital. A partir do gráfico 6, é possível perceber, além do evidente protagonismo da plataforma Youtube, que o grupo se conecta visceralmente com uma rede de fontes ligadas ao bolsonarismo e que passam a constituir

conteúdos compartilhados e discutidos no fórum.

Neste trabalho, optou-se por não explorar, na análise qualitativa, o conteúdo destas ligações externas, mas apenas o texto dos próprios links, que ainda assim incluem informações de fontes e temas abordados. Assim, para os temas analisados qualitativamente, os materiais (notícias, vídeos, tweets etc.) compartilhados são usados no sentido de justificar e embasar as opiniões que são apresentadas pelos usuários. Ou, ainda, como denúncia relacionada a algum fato que precisa ser difundido entre eles.

Trata-se, deste modo, de um ecossistema digital multiplataforma que possibilita e potencializa o chamado efeito de câmaras de eco: “um espaço de mídia limitado e fechado que tem o potencial de ampliar as mensagens transmitidas nele e isolá-las de refutação” (Jamieson e Cappela, 2010). Observou-se que o conteúdo compartilhado é variado e abundante, mas, conforme discutiremos a seguir, epistemicamente homogêneo e coerentemente articulado. Assim como apontado por estes autores - tomando como exemplo o ecossistema de mídia conservadora nos EUA - é possível inferirmos que esta arquitetura digital de informação na qual o grupo de Telegram se insere “cria um quadro comum de referência e ciclos de feedback positivo para aqueles que ouvem, leem e assistem esses meios de comunicação” (Jamieson e Cappela, 2010, p. 76). Tudo isto, através de uma cornucópia de fontes argumentativas digitais: websites noticiosos que emulam sites de imprensa, tweets, vídeos, áudio com depoimentos pessoais de “especialistas”, etc.

Poder oracular e gatilhos para *firehosing*

Além de constatar a presença de uma rede de propagação de conteúdos que opera como um sistema de “ressonância cognitiva”, pode-se verificar momentos de intensa participação e engajamento no grupo. Estimulado por eventos políticos relacionados ao governo, iniciam-se períodos de intenso fluxo de mensagens, num processo conhecido como *firehosing*, isto é, a produção rápida de um grande, contínuo e repetitivo volume de conteúdo para fins de propaganda (Paul e Matthews, 2016). São períodos em que um bombardeio de mensagens, de tipos e fontes diversas, mas com uma acirrada consonância de enfoque e enquadramento, apresentam, justificam, confirmam e reiteram posicionamentos analíticos e valorativos sobre a realidade.

Trata-se de momentos de construção de entendimentos e consensos para, em seguida, definir o que deve ser

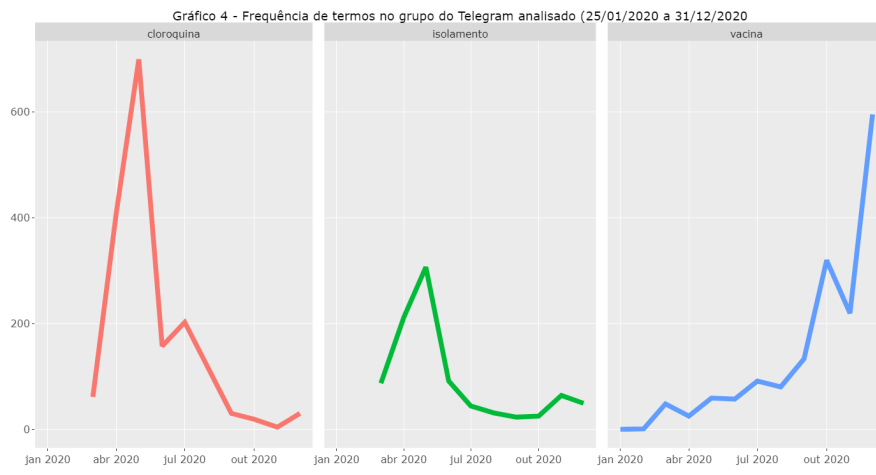


Gráfico 4

CLOROQUINA::	VACINA::	ISOLAMENTO::
CQ::Bolsonaro reforça uso da cloroquina	VACINA::A favor da vacina	ISOLA::Ataque à legitimidade científica
CQ::Combinação de drogas	VACINA::Ataque a CoronaVac	ISOLA::Respaldo científico
CQ::Explicação científica para o uso	VACINA::Conspirações	ISOLA::Ataque à mídia/imprensa
CQ::É a cura: exemplos de sucesso	VACINA::Contra a obrigatoriedade da vacinação	ISOLA::Conspiração QAnon
CQ::Histórico de uso	VACINA::Contra vacina	ISOLA::Contra o Lockdown/Isolamento
CQ::Negar é omissão de socorro	VACINA::Dúvidas ou riscos das vacinas	ISOLA::Defesa do isolamento vertical
CQ::Outros	VACINA::Outros	ISOLA::Fere o direito dos cidadãos
CQ::Razões econômicas para a rejeição		ISOLA::Favorável ao Lockdown/Isolamento
CQ::Razões ideológicas para a rejeição		ISOLA::Impactos econômicos
CQ::Regulamentação/Liberação institucional		ISOLA::Interesses políticos com o Lockdown/Isolamento
CQ::Tratamento precoce		ISOLA::Governo Trump como modelo
CQ::Tratamento promissor		ISOLA::Mudança de opinião
		ISOLA::Suécia como modelo
		ISOLA::Outros

Figura 1. Estrutura de codificação.

reconhecido como “tolerável” e “amigo” e o que deve ser tratado como “intolerável” e, por conseguinte, combatido. Percebe-se que os picos nos gráficos podem ser associados a momentos de inflexão coordenada de discursos. Isto é, períodos de revisão e redirecionamento de estratégias, semelhante ao que já foi percebido em pesquisas recentes sobre desinformação no WhatsApp (Soares *et al.*, 2021). Nas primeiras semanas da pandemia, por exemplo, as mensagens analisadas sugerem noções favoráveis ou resignadas em relação às medidas de isolamento social, ainda que por vezes associadas a diferentes perspectivas conspiratórias, especialmente contra a China. A mensagem a seguir é representativa deste primeiro momento:

Cara, parece que a tua ficha não caiu ainda, meu! Isso é sério, não é golpe, isolamento é a arma para combater; será que o que está acontecendo na Itália não é suficiente pra ti? Te antena que não é brincadeira, pense numa guerra biológica,

o mundo nunca mais será o mesmo. Usuário nº d03d6d0fb88a16f7c8a58ebd146b094 - 2020-03-21 16:43:48, ISOLAMENTO::Favorável ao isolamento ISOLAMENTO::Conspiração.

No dia 25 de março de 2020, no entanto, o presidente Bolsonaro fez um pronunciamento em cadeia nacional no qual, além de chamar a Covid-19 de “gripezinha”, apresentou os princípios do que depois se consolidaram na abordagem governamental para a gestão da crise sanitária. Imediatamente após o discurso, surgem mensagens que clarificam a delimitação de uma nova categoria antagônica de exclusão: o “isolamento horizontal”:

*RESUMO DO DISCURSO do Bolsonaro.1. Pessoas *que não são grupos de risco* devem *voltar ao trabalho* para o país não falir.2. Mas, *quem é grupo de risco* (pessoas acima de 60 anos, gestantes, com baixa imunidade, pressão alta,*

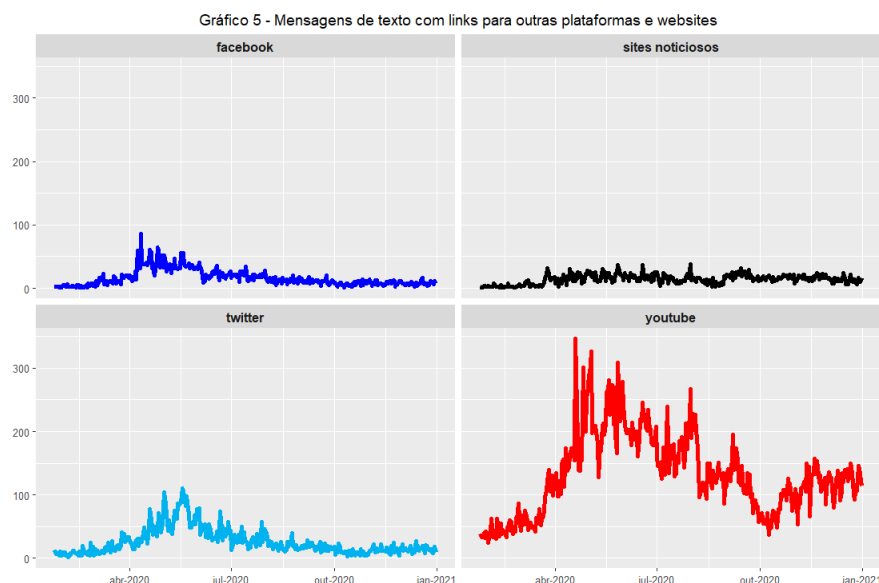


Gráfico 5

*diabéticos, com câncer, etc), *deve permanecer em isolamento*.(...) OU SEJA- saudáveis trabalhando.- grupos de risco isolados.POR QUÊ?- senão o país vai quebrar.- alguns governadores já estão fechando suas cidades e não estão nem deixando entrar comida.- alguns outros governadores mandaram saquear distribuidoras de remédios.- o caos vai se instalar com o pânico e histeria. *Faça a sua parte, mantenha os amigos informados. Usuário nº fc5011f1b6f86098d48657ac7ee628bc - 2020-03-25 08:17:34, ISOLAMENTO::Defesa vertical; ISOLAMENTO::Impactos econômicos*

A mensagem acima - repetidamente compartilhada nas horas que se seguiram ao discurso do presidente^[8] - marcou o redirecionamento da percepção do isolamento social e, por conseguinte, o próprio debate.

No mesmo dia do referido discurso, um usuário compartilhou a seguinte mensagem:

Eu nunca vi tanta vontade de parar o país como vi essa semana pela esquerda, tanto que comecei a desconfiar, no início entendia ser necessário a

quarentena temporária, até surgir alguma solução e plano, mas vi alguns esquerdinhas colocando a culpa no Bolsonaro e batendo muito mas muito mesmo na tecla de que tudo tem que parar, nisto fiquei assustado e pensei, parar tudo ?! (...) Fui atrás de algumas informações e sanei minha dúvida, compreendi que parar total é um erro grave, logo pensei na possibilidade do comércio voltar a funcionar em meio expediente gradativamente até ficar normal, e as pessoas neles usarem luvas e máscaras como prevenção já que algumas ainda estariam com medo. Usuário nº 6c3cda14b78189cd4f2bcad53706289c - 2020-03-25 04:46:04; ISOLAMENTO::Mudança de opinião; ISOLAMENTO::Interesses políticos;

O pronunciamento do presidente, portanto, expressa o exercício do poder oracular do líder populista e sua militância digital - delimitando zonas de conhecimento e ignorância - acerca do isolamento social. Isto foi feito a partir de uma dinâmica em que um gatilho inicial dado pelo líder/oráculo - neste caso a transmissão de um discurso em cadeia nacional - inicia uma intensa publicação

[8] Chama a atenção como esta mesma mensagem foi encontrada também de forma abundante nos grupos de Whatsapp (BONOW SOARES et al., 2021). Outro forte indício de confirmação do transbordamento ou interligação entre as distintas plataformas que compõem o ecossistema midiático bolsonarista.

de conteúdos voltados para as plataformas digitais, orientados para que os partidários não apenas compreendam e incorporem a leitura do oráculo, mas que também “mantenha os amigos informados” e/ou “alertas”.

Esta mesma dinâmica foi também observada para a definição do entendimento sobre a cloroquina, especialmente em dois momentos fundamentais. Primeiro temos, em 15/04/2020, a demissão do então ministro da saúde Luiz Mandetta. Um mês depois, as mensagens sobre cloroquina atingem seu pico com a demissão de seu sucessor, Nelson Teich, em 15/05/2020. Neste período foram apresentadas as principais justificativas para a leitura oracular apresentada por Bolsonaro que consagrava a cloroquina como cura para a Covid-19. No dia da demissão de Teich, por exemplo, foi também repetidamente compartilhada uma mensagem que ilustra como a militância opera a tradução da mensagem do oráculo.

*cloroquina fará milagres: 1 - Curará os infectados
2 - Destruirá a narrativa de terror e pânico da imprensa 3 - Frustrará os planos criminosos de Governadores e Prefeitos sedentos por proprina
4 - Cessará a quarentena e lockdown 5 - Salvará a economia brasileira. Usuário nº 9a617862e-562f09fd2bd9cca68b88dda - 2020-05-15 21:15:01, CQ::É a cura: exemplos de sucesso.*

Três dias depois, dois usuários compartilharam (com diferença de poucos minutos) um link para uma matéria de um site noticioso intitulada “A aposta: Uso massivo do trio hidroxicloroquina+azitromicina+zincos pode vir a ser o momento da virada no combate ao Covid-19”^[9]. Nos dias seguintes, os perfis mandavam mensagens com as hashtags #cloroquinasalvavidas ou simplesmente #cloroquina indicando um possível compartilhamento de mensagens entre o Telegram e o Twitter.

Isso fica claro, também, na construção da percepção bolsonarista sobre as vacinas para o COVID-19. Neste caso, observa-se que os picos de fluxo de mensagens ocorrem sobretudo a partir do mês de outubro (vide gráfico 5). Naquele momento, o presidente Jair Bolsonaro desautorizou o Ministério da Saúde a celebrar um acordo com o Governo de São Paulo para a compra e distribuição de vacinas “CoronaVac”. Uma vacina que

estava então sendo desenvolvida mediante uma colaboração entre o Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac. O governador de São Paulo, João Dória, se colocou como um dos principais porta-vozes da crítica à gestão bolsonarista da pandemia e foi transferido para a zona de ignorância da fronteira epistêmica.

Neste caso, o gatilho para o exercício do poder oracular foi uma resposta direta do presidente Jair Bolsonaro a um seguidor no Facebook, afirmando que não iria comprar “a vacina da China”^[10]. Assim, simbolizando uma resposta a uma consulta direta do povo, o “populista digital oracular” apresenta aquela que posteriormente se consolida como a verdade compartilhada: a “vacina chinesa” ou “vaChina” – como se tornou conhecida no meio bolsonarista – deve ser descartada como solução possível, uma vez que ela seria produzida pelos “inimigos” e, portanto, não ofereceria segurança e poderia mesmo produzir severos danos à população:

A questão é realmente PREOCUPANTE, ninguém sabe o que tem dentro de vacinas !!!👉Mas é evidente que a China-Criminosos JÁ havia “imunizado os seus” antes de “espalharem o vírus pelo mundo”.👉A China DEVERIA DOAR AO MUNDO a tal vacina SE existisse !!!!E não vender !!!👉Ou seja, OS CRIMINOSOS ESPALHAM A DOENÇA, para então VENDEREM a cura 🤖🤖🤖🤖👉É uma LOUCURA total !!!! **Usuário nº 206d68162f63f5e0462cdaa28d650e36 – 2020-10-21 09:43:36, VACINA::Conspirações.**

O neurocirurgião @ppmelo falou hoje no programa pânico sobre os efeitos colaterais da vacina.https://www.instagram.com/reel/CGn7Nk8JpwE/?igshid=1trk9zuukcnb0. **Usuário nº 1a8a9af71cb7e2d023ef3c9fde7745ba – 2020-10-21 20:39:15, VACINA::Ataque a CoronaVac.**

Nas três discussões analisadas (sobre o isolamento, a cloroquina e a vacina) podemos perceber que, no caso do populismo digital bolsonarista, o poder oracular é exercido não apenas pela atuação direta do líder populista, mas sobretudo pela sua articulação com um ecossistema digital multiplataforma contendo informações que reverberam as leituras de mundo apresentadas

[9] <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/20574/a-aposta-hidroxicloroquina-vai-zerar-obitos-em-30-dias> acesso em 15 fev. 2021.

[10] <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-sera-comprada-diz-bolsonaro-sobre-vacina-chinesa,70003483081> acessado em 10 fev 2021.

e legitimam as ações governamentais. O movimento das diferentes redes justifica e reitera os distintos posicionamentos ou leituras da realidade apresentados pelo líder e, por outro, deslegitimam e destroem a confiabilidade ou credibilidade de qualquer informação que possa significar uma refutação aos seus argumentos.

Assim, a dinâmica do poder oracular do populista digital, nos temas estudados, está articulada da seguinte forma. Primeiro, a partir de um gatilho do oráculo, uma intensa participação da militância digital é mobilizada em períodos concentrados de tempo. Entendemos estes períodos como dando lugar a uma disputa epistêmica ou, em outras palavras, a uma demarcação de novas fronteiras de ignorância.

Após estes momentos, através da reverberação neste ecossistema digital multifacetado e complexo, as leituras oraculares se tornam hegemônicas e não se observa a ocorrência de contestação, mas apenas da confirmação das interpretações. Ao atingir uma homogeneização dos discursos - isto é, uma ausência de questionamentos ou dissidências - a frequência das mensagens se reduz significativamente. Um dos principais mecanismos identificados por Cesarino (2019b) para o populismo digital do bolsonarismo é o do antagonismo entre amigo *versus* inimigo. Para se proteger da divergência de ideias - percebida em si como ameaça - cria-se um circuito fechado de informações, excluindo fontes científicas, institucionais e de imprensa que contestam a legitimidade da verdade oracular. Com isso, eles estabelecem as fronteiras entre as zonas de conhecimento e de ignorância.

SE A MÍDIA E A ESQUERDA FALA MAL DO MEDICAMENTO É PORQUE FUNCIONA/DE OUTRO LADO OS QUE SÃO CONTRA:- O diretor comunista da OMS, que nem médico é.- A diretora do Instituto Oswaldo Cruz, que não é médica, não é bióloga, nem cientista. Ela é formada em filosofia e é militante do PT.- Governadores que, por mero acaso, estão sendo investigados por superfaturamentos e desvios de verba.- Estudos feitos na China comunista.- Lobistas dos grandes laboratórios, pois a hidroxycloquina já existe há 70 anos e já tem a patente livre.- Dr. Uip é contra, mas usou a hidroxycloquina quando pegou Covid-19.- Ex-Ministro Mandetta (demitido)- Ex-Ministro Nelson Teich (saiu)- Folha de São Paulo- Rede Globo de televisão Agora, pensem e tirem suas conclusões.. **Usuário nº 40afa3b-dd0b6873035c03fbdc11c9ada - 2020-05-16**

08:54:29, CQ::É a cura: exemplos de sucesso; CQ::Histórico de uso; CQ::Razões econômicas para a rejeição;

Percebe-se, ao longo das controvérsias, um padrão recorrente de associação de determinados atores com interesses escusos e desonestos, especialmente se eles apresentam elementos que ameaçam a interpretação oracular. Determinados agentes que ora se inserem no campo de relevância, caso não corroborem com a leitura do oráculo, podem ser deslocados para a zona de ignorância ou do “inimigo”. Isto ocorreu, por exemplo, com o ex-ministro Luiz Mandetta que demonstrava resistência às propostas de isolamento vertical e na aposta incondicional no tratamento precoce embasado na cloroquina:

*“Mandetta virou quarentenista, não fala do remédio como ferramenta chave nem do isolamento vertical q os especialistas defendem.(...) Mandetta se empenha em “cozinhar” o pavor pelo COVID enquanto a China avança. Desrespeita a hierarquia e desmoraliza publicamente Bolsonaro c suas opiniões adversas. Passa uma falsa sensação de q sabe o q faz, qdo não sabe nem 1/10 do q o Osmar Terra sabe e defende desde sempre.». **Usuário nº d03d6d0fb88a16f7c8a58ebd146b094 - 2020-04-04 15:41:54 ISOLAMENTO::Defesa vertical; ISOLAMENTO::Interesses políticos; ISOLAMENTO::Respaldo científico***

A demarcação de fronteiras de ignorância é transversal e opera por dentro das próprias categorias que compõem a visão de mundo instaurada pelo bolsonarismo. Assim, o isolamento social é dividido entre isolamento vertical (ideal) e isolamento horizontal (prejudicial); a cloroquina é dividida entre uso precoce (eficaz) e uso tardio (ineficaz) e a vacina é separada entre a vacina de Oxford ou Pfizer (segura, confiável e patriótica) e a vacina chinesa (insegura, ameaçadora e comunista).

Ignorância: para além do negacionismo científico

A análise das mensagens sugere outro aspecto do bolsonarismo em relação à pandemia: a aparente recusa às recomendações e evidências científicas não pode ser entendida como um mero negacionismo científico. Ao longo das diferentes mensagens analisadas, percebe-se que a ciência estaria, para os apoiadores do presidente, dividida entre duas

zonas. Uma de conhecimento legítimo, verdadeiramente técnica, neutra e confiável, algo como uma espécie de “ciência patriótica”. E, no outro pólo, uma ciência “comunista” e, portanto, entendida como fraudulenta e manipuladora, associada a interesses políticos e financeiros escusos e que estaria associada aos “inimigos do povo”.

Nas discussões sobre isolamento, cloroquina e uso de vacinas, em momento algum a autoridade da ciência e da medicina em si mesmas foi contestada. O que acontece é a busca por uma qualificação positiva daquilo que respalda a leitura governamental da pandemia. E, também, o aviltamento de qualquer informação ou fonte que represente um conhecimento desconfortável para o bolsonarismo, seja ele científico ou não. Quando provenientes de uma instituição científica, a estratégia para produzir a ignorância em relação a estes conhecimentos é a deslegitimação de sua credibilidade científica. A mensagem a seguir, direcionada à presidente da Fiocruz, é ilustrativa de como a legitimidade e credibilidade científica de instituições e seus representantes que se opõem à leitura oracular é atacada:

Socióloga como PRESIDENTE de um órgão de saúde e pesquisa científica. Vai ser difícil sair da PANDEMIA. Quem mais está pressionando por lockdown total no Estado é a Fiocruz e sua Presidente. Daí você vai pesquisar o currículo dela e vê que ela NÃO TEM FORMAÇÃO ALGUMA em área relacionada a pesquisa / medicina!!! Não é médica, bióloga, farmacêutica, química, nada!! A formação dela é em SOCIOLOGIA com mestrado em Ciências Políticas!! INACREDITÁVEL!!! Só no Brasil!! **Usuário nº 4df1d96a9ee-274a85513a115d6e3b796- 2020-05-12 10:15:05 ISOLAMENTO::Ataque a legitimidade científica;**

Ainda que a principal estratégia identificada seja o ataque *ad hominem* - desmerecer a informação pela deslegitimação de sua fonte - há também uma mobilização para desacreditar estudos que apontam a inadequação das estratégias propostas pelo governo federal

Com esse estudo financiado por senadores de esquerda no Brasil, os médicos, também de esquerda, adotaram uma dosagem da cloroquina 3 vezes maior do recomendado. Em vez de 400mg, ministravam 1200mg por dia, durante 5 dias, o que levou à morte 11 pessoas em Manaus. O intuito era mostrar que remédio é perigoso. Qualquer remé-

dio tomado em excesso é venenoso. São uns assassinos. A esquerda sempre gostou de matar gente.

Usuário nº f4e15b91cab09ff8293b11a01945460f - 2020-04-15 11:00:35, CQ::Razões ideológicas para a rejeição.

Não há nenhum estudo comprovando a eficácia de se colocar uma população inteira de quarentena para combater um vírus, como pode isso estar sendo vendido como científico? Isso é loucura, <https://pleno.news/saude/coronavirus/osmar-terra-sobre-quarentena-nao-funcionou-em-nenhum-pais.html> **Usuário nº 1122cc7db-3d16a6023d8d7bf35dd9452 - 2020-04-07 18:02:43 ISOLAMENTO::Contra o Lockdown; ISOLAMENTO::Ataque a legitimidade científica**

No entanto, conforme aponta Proctor (2008), a ignorância não se forma pela construção de um vácuo, mas sim com uma espécie de deslocamento epistêmico. É preciso, portanto, “preencher o espaço” com outras fontes. Neste sentido, há um notório esforço de divulgação de informações oriundas de fontes científicas, sejam depoimentos de médicos, mas também estudos, ainda que frágeis ou minoritários, mas que supostamente comprovariam cientificamente a realidade sugerida pelo oráculo populista. Trata-se, em grande medida, de uma fabricação de controvérsias científicas por meio de um procedimento próximo ao que aconteceu no caso das mudanças climáticas onde era preciso promover a dúvida e o descrédito frente às descobertas científicas (Oreskes & Conway, 2010).

Associação Médica Americana declara que retira as restrições contra hidroxicloroquina e admite seus benefícios, liberando para uso em tratamentos precoces, visto a quantidade de artigos científicos citando seus resultados na dose e hora correta. <https://flekus.com/b/contraposicao/article/associacao-medica-americana-retira-as-restricoes-contrahidroxicloroquina-puz6f?s=09> **Usuário nº 3ad7a33629ad0baced08058bd6daf9c - 2020-12-21 11:56:26, CQ::Regulamentação/Liberação institucional; CQ::Tratamento precoce.**

É interessante notar como as citações a supostas comprovações científicas da leitura oracular são normalmente associadas a links para reportagens de veículos

de mídia alinhados, especialmente sites abertamente bolsonaristas de notícias. Isto também reforça o indício da articulação do ecossistema digital comunicacional para reverberação de conteúdos legitimadores. A mensagem acima agrega todas estas características, além de ilustrar como a percepção sobre o tratamento precoce com a cloroquina se tornou, ao final do ano, consensual. Além disso, destaca-se, especialmente para a defesa da cloroquina e para o ataque ao isolamento social, a utilização da autoridade e legitimidade científica de médicos brasileiros como Nise Yamaguchi, Paolo Zanotto e outros:

Dra. Nise Yamaguchi (@nise_dra) tweetou: O Brasil merece Saúde com qualidade, tratando o COVID a partir dos primeiros sintomas, com Hidroxicloroquina 400 mg, Azitromicina 500 mg e Óxido de Zinco 50 mg por 5 dias. Vamos salvar Vidas insubstituíveis, valiosas e libertar o país da imobilidade e do medo ! 04:18 Usuário nº ded-35074d28ef49ddae400578e694347- 2020-05-20 04:39:45, CQ::Combinação de drogas; CQ::É a cura: exemplos de sucesso; CQ::Tratamento precoce.

Assassinato & Conspiração Disfarçados de estudo científico O Autor deste texto é o Dr Paolo Zanotto, professor da USP e reconhecido pesquisador da FAPESP. SERÍSSIMO O QUE ELE RELATA: UM PLANO CONTRA O BRASIL. O que a polícia, o MP, a imprensa e todos precisam saber. O assunto cloroquina, hidroxicloroquina esteve na mídia recentemente e recebeu tratamento de partida Fla x Flu. Algo me intrigava como médico e comecei a ler toda a literatura científica disponível. Mergulhei então na pesquisa do mecanismo da doença e no mecanismo de ação da cloroquina e hidroxicloroquina. E não é que havia muitas evidências científicas antigas e consagradas do uso da medicação pra doenças virais? Usuário nº 5510f4f3fa4ae458551cd3f6c16e2185 2020-05-28 18:27:52. CQ::Histórico de uso.

No caso da vacina, no entanto, a frequência de legitimações científicas é consideravelmente mais baixa. Nos debates sobre distanciamento social e a cloroquina, foram encontradas menções a diversos estudos que poderiam servir à legitimação da verdade oracular. Talvez pela escassez de estudos ou porta-vozes de comunidades científicas que pudessem servir para sua justificação ou

legitimação, a oposição à CoronaVac se apoiava, não em legitimações ou apropriações de credenciais científicas, mas sobretudo pela associação direta com a ameaça do “inimigo político”, tal como sugerem as mensagens abaixo.

Eu não. Não dá para confiar em uma vacina que foi desenvolvida no país que espalhou o vírus no mundo. Vou aguardar a vacina de Israel. Até lá, vou continuar ms cuidando. Usuário nº -db716649fb500f7d7698ad878bfcefa0 – 2020-10-23 22:02:58, VACINA:: A favor de outra vacina contra covid; VACINA::Ataque a CoronaVac.

Eu só vou tomar a vacina do Bolsonaro. Usuário nº b4f19963029bb3c6bda51e257f6240db - 2020-11-13 18:31:59, VACINA:: A favor de outra vacina contra covid.

Essa vacina da Pfizer eu deixo aplicar em mim, agora a Vachina aquela água suja sem chance. Usuário nº ea657a19a4bfac2feaaaa2fbc85572e9 – 2020-12-08 08:02:35, VACINA:: A favor de outra vacina contra covid; VACINA::Ataque a CoronaVac.

Mais uma vez, o que parece estar em jogo não são as “credenciais científicas” da vacinação *per se*, mas como as diferentes vacinas serão mobilizadas dentro das estruturas de poder onde amigos e inimigos já estão posicionados.

Conclusão

A partir deste estudo realizado em um grande grupo de seguidores do presidente Bolsonaro no Telegram, é possível propor subsídios para a compreensão analítica sobre como se produzem e consolidam os posicionamentos político-científicos do bolsonarismo. Para isso, os estudos da ignorância, mas especialmente a atenção para os mecanismos utilizados para sua construção social intencional por organizações ou instituições, apresentam-se como um conjunto de ferramentas profícuas para o entendimento das estratégias de comunicação governamental.

Identificou-se uma dinâmica específica de exercício do poder oracular de um líder populista e suas câmaras de eco, isto é, como se potencializa a construção de uma fronteira entre uma zona de conhecimento (aliado) e uma zona de ignorância (inimigo). Os dados sugerem um padrão caracterizado por gatilhos disparados pelo líder populista (pronunciamento oficial, a demissão do ministro da saúde ou a resposta a um seguidor no

Facebook) seguidos de uma inundação de conteúdo legitimador da leitura do oráculo (*firehosing*). Este conteúdo, caracterizado por uma alta incidência de links para um amplo ecossistema midiático, tem sua produção ou disseminação concentrada em poucos usuários que, automatizados ou não, podem sugerir algum grau de orquestração ou profissionalização.

No caso abordado, a partir da leitura da realidade oferecida pelo presidente, um consenso é formado entre os usuários do grupo: defesa do isolamento vertical, do tratamento precoce com a hidroxicloroquina como as únicas soluções possíveis à pandemia. Paralelamente a isto, ocorre a deslegitimação ou irrelevância do conhecimento científico disponível contrários a este mesmo consenso. Da mesma forma, o alto volume e a coesão das informações disponibilizadas no ecossistema midiático, disparadas com grande intensidade a partir de uma interação direta entre líder e povo em uma plataforma de mídia digital, permite a construção e estabilização - pelo menos durante um certo período - de uma percepção compartilhada de que uma vacina desenvolvida pelo inimigo (no caso a China e o Governador de São Paulo João Dória) não pode ser confiável e, portanto, deve ser rejeitada.

O sucesso na delimitação desta fronteira se fundamenta sobretudo na flexibilidade e eficácia de um sistema de causalidade e justificação baseado na premissa populista da diade amigo-inimigo. Dentro da leitura da realidade ressoada nas câmaras de eco do ecossistema de mídia digital bolsonarista, são demarcadas fronteiras entre o que deve ser reconhecido e valorizado - o conhecimento aliado - e o que deve ser ignorado ou rechaçado - o conhecimento inimigo. Conforme visto, esta cisão opera por dentro das próprias categorias epistêmicas, jogando para as zonas de ignorância aquela leitura que implica em um desconforto para a leitura oracular. Assim, o isolamento se divide entre vertical e horizontal, cloroquina entre uso precoce e tardio, e vacinas entre “Oxford” e “Vachina”.

Ao contrário de apoiadores anticientíficos ou irracionais, no imaginário bolsonarista a ciência e os cientistas são divididos entre amigos e inimigos, entre zonas de confiança e zonas de ignorância. Deste modo, as credenciais científicas ainda cumpriram o papel fundamental de legitimação de informações, mas apenas quando se apresentam instrumentalmente favoráveis à confirmação da leitura oracular apresentada pelo líder populista e reverberada em suas câmaras de eco. Ou seja, um dos fundamentos subjacentes ao próprio empreendimento da ciência - a verdade científica enquanto um bem comum - também se encontra ameaçado. Por fim, sugerimos que esta articulação coletiva de mecanismos de demarcação ativa de fronteiras de ignorância deteriorou a confiança nas ações preconizadas universalmente contra o Sars-Cov 2 ampliado consideravelmente os impactos nefastos da pandemia.

Referências

- ASANO, C. et al. 2021. Direitos na Pandemia: Mapeamento e Análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil. São Paulo, CEPEDISA / Conectas.
- BARRATT, M. J.; MADDOX, A. 2016. Active Engagement with Stigmatised Communities through Digital Ethnography. *Qualitative Research*, 16(6): 701–719. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1468794116648766>>. Acesso em: 03/02/2021.
- BEYERCHEN, A. What We Now Know About Nazism and Science. *Social Research*, v. 59, n. 3, p. 615–641, 1992.
- BEYERCHEN, A. D. Scientists under Hitler: Politics and the Physics Community in the Third Reich. Yale University Press, 2018.
- CESARINO, L. 2019a. On Digital Populism in Brazil. Disponível em: <<https://polarjournalGal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/>>. Acesso em: 05/05/2020.
- CESARINO, L. 2019b. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, 62(3): 530–557.
- CESARINO, L. 2020. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1): 91-120. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>>. Acesso em: 05/05/2020.
- CHARMAZ, K. 2009. *A construção da teoria fundamentada: Guia Prático para Análise Qualitativa*. Bookman Editora: Porto Alegre, 272 p.
- EVANGELISTA, R.; BRUNO, F. 2019. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. *Internet Policy Review*, 8(4): 1-23. Disponível em: <<https://policyreview.info/articles/analysis/whatsapp-and-political-instability-brazil-targeted-messages-and-political>>. Acesso em: 26/01/2021.
- FERGUSON, R. H. 2017. Offline ‘Stranger’ and Online Lurker: Methods for an Ethnography of Illicit Transactions on the Darknet. *Qualitative Research*, 17(6): 683–698. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1468794117718894>>. Acesso em: 03/02/2021.
- GROSS, M.; MCGOEY, L. (ed.). Routledge international handbook of ignorance studies. London ; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2015.
- GERBAUDO, P. 2018. Social Media and Populism: An Elective Affinity? *Media, Culture & Society*, 40,(5): 745–753.

- GIELOW, I. 2020. Avaliação de Bolsonaro se mantém no melhor nível, mostra Datafolha. Folha de S. Paulo. Poder - Folha. São Paulo, 13 dez. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/12/avaliacao-de-bolsonaro-se-mantem-no-melhor-nivel-mostra-data-folha.shtml>>. Acesso em: 15/02/2021.
- GIERYN, T. F. 1983. Boundary-Work and the Demarcation of Science from Non-Science: Strains and Interests in Professional Ideologies of Scientists. *American Sociological Review*, 48(6): 781–795.
- HATCH, J. A. Doing Qualitative Research in Education Settings. SUNY Press, 2010.
- HESS, D. J. The Sociology of Ignorance and Post-Truth Politics. *Sociological Forum*, v. 35, n. 1, p. 241–249, 2020.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. SAGE, 2000.
- HINE, C. *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. Berg Publishers, 2005.
- KELKAR, S. Post-Truth and the Search for Objectivity: Political Polarization and the Remaking of Knowledge Production. *Engaging Science, Technology, and Society*, v. 5, n. 0, p. 86–106, 3 abr. 2019.
- JAMIESON, K. H.; CAPPELLA, J. N. 2010. *Echo chamber: Rush Limbaugh and the conservative media establishment*. Oxônia, Oxford University Press, 318 p.
- JASANOFF, S (Org.). 2004. *States of Knowledge*. Londres, Routledge, 332 p.
- LATOUR, B. 2011. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Ed. Unesp, 440 p.
- LINDNER, J.; TURTELLI, C. 2020. Alvo de ação do Facebook trabalha ao lado do presidente e integra 'gabinete do ódio'. O Estado de São Paulo. Política. São Paulo, 8 jul. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,alvo-de-acao-do-facebook-trabalha-ao-lado-do-presidente-e-integra-gabinete-do-odio,70003358146>>. Acesso em: 31/07/2020.
- LOWY INSTITUTE. 2021. Covid Performance - Lowy Institute. Disponível em: <<https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/>>. Acesso em: 15/02/2021.
- MACHADO, C.; KONOPACKI, M. 2019. *Poder Computacional Relatório Whatsapp Eleições ITS*. Rio de Janeiro, Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro, 21 p.
- MCGOEY, L. Strategic unknowns: towards a sociology of ignorance. *Economy and Society*, v. 41, n. 1, p. 1–16, 1 fev. 2012.
- MCGOEY, L. 2019. *The Unknowns: How Strategic Ignorance Rules the World*. Londres, Zed Books, 256 p.
- ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. *Merchants of doubt: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming*. New York, Berlin, London: Bloomsbury Press, 2010.
- PAUL, C.; MATTHEWS, M. 2016. *The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model*. Santa Monica CA, Rand Corporation.
- POPPER, K. R. 2004. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Editora Cultrix, 567 p.
- PROCTOR, R. N. 2008. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ignorance (and Its Study). In: PROCTOR, R. N.; SCHIEBINGER, L (org), *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance*. Stanford, Stanford University Press, p. 1–36.
- PROCTOR, R. N.; SCHIEBINGER, L. 2008. *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance*. Stanford, Stanford University Press, 298 p.
- RAYNER, S. 2012. Uncomfortable knowledge: the social construction of ignorance in science and environmental policy discourses. *Economy and Society*, 41(1): 107–125.
- RECUERO, R. et al. 2017. Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. In: Encontro Anual da Compós, XXVI, São Paulo, 2017. *Anais...* Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_XH5ITTDY1PY-GE7PDUQJM_26_5374_18_02_2017_12_53_33.pdf>. Acesso em: 08/05/2020.
- RECUERO, R. et al. 2021 Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, 40(1): XXX-YYY. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1154>>. Acesso em: 01/10/2020.
- ROGERS, R. Deplatforming: Following Extreme Internet Celebrities to Telegram and Alternative Social Media. *European Journal of Communication*, v. 35, n. 3, p. 213–229, 1 jun. 2020.
- ROSA, V.; MONTEIRO, T. 2019. 'Gabinete do ódio' está por trás da divisão da família Bolsonaro. O Estado de S. Paulo. Política. 8 jul.. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,gabinete-do-odio-esta-por-tras-da-divisao-da-familia-bolsonaro,70003017456>>. Acesso em: 31/07/2020.
- ROSE, J.; BARROS, M. Scientists have a word for studying the post-truth world: agnotology. Disponível em: <<http://theconversation.com/scientists-have-a-word-for-studying-the-post-truth-world-agnotology-71542>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- SANTOS, J. G. B. et al. 2019. WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. *Comunicação & Sociedade*, 41(2): 307–334.

- SOARES, F. B. *et al.* 2021. Research Note: Bolsonaro's Firehose: How Covid-19 Disinformation on WhatsApp Was Used to Fight a Government Political Crisis in Brazil. *Harvard Kennedy School Misinformation*, 2(1): 1-13. Disponível em: <<https://misinforeview.hks.harvard.edu/?p=5505>>. Acesso em: 09/02/2021.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. M. 1998. *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. Thousand Oaks (CA), SAGE Publications.
- TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. Mixed Methodology: Combining Qualitative and Quantitative Approaches. [s.l.] SAGE, 1998.
- URMAN, A.; KATZ, S. 2020. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. *Information, Communication & Society*, 0(0): 1-20.